



## **Agroecologia na extensão acadêmico-popular** *Agroecology in Popular extension*

STARLING, Mariana; SANTOS, Suenya

Universidade Federal Fluminense, mariana.starlingdiniz@gmail.com; suenyasantos@id.uff.br.

### **Eixo Temático: Construção do Conhecimento Agroecológico e Dinâmicas Comunitárias**

**Resumo:** O presente trabalho pretende apresentar o projeto de extensão acadêmico-popular “*Semeando agroecologia no campo e na cidade*”, que é construído por esforços de docentes e discentes do campus de Rio das Ostras da Universidade Federal Fluminense, situado no interior do estado do Rio de Janeiro. O projeto tem como objetivo construir e fomentar a agroecologia contribuindo com a organização de coletivos de agricultores familiares camponeses e consumidores de alimentos agroecológicos na adoção de estratégias em rede que criem maior demanda de produção de alimentos saudáveis, seja por meio de políticas públicas, seja por meio de diferentes iniciativas coletivas. Com efeito, espera-se colaborar com a melhoria das condições de trabalho e de vida para agricultores e consumidores integrando um processo de mudanças social mais amplo pautado pela troca de saberes e experiências entres territórios urbanos e rurais.

**Palavras-Chave:** segurança alimentar e nutricional; saúde; desenvolvimento; agroecologia; pesquisa-extensão.

**Keywords:** nutrition and food security; health; development; Agroecology; extension-research.

### **Contexto**

Os discursos sobre a importância e necessidade de uma alimentação saudável têm se ampliado em função de estudos científicos que comprovam o aumento do adoecimento de câncer em trabalhadores rurais e população em geral. O contexto econômico e político brasileiro atual torna essa preocupação ainda maior em função da liberação do uso de mais de 200 novos produtos agrotóxicos no início de 2019. Contudo, por condições econômicas e/ou informativas, a dificuldade de algumas pessoas em acessar esses alimentos saudáveis também é um fato relevante. No intuito de problematizar essas questões se inicia o projeto de extensão acadêmico-popular *Semeando agroecologia no campo e na cidade*.

Desde a segunda metade do século passado vemos crescer um modelo de produção agrícola pautado pelos princípios do sistema capitalista. A chamada *Revolução Verde* trouxe, com seu lema de modernizar o campo, migrações forçadas da área rural para os centros urbanos, gerou desemprego, fome, miséria, produzindo e aplicando os insumos químicos e as sementes geneticamente modificadas em laboratórios.

No Brasil, esse modelo foi implementado como política de Estado pelos governos do período da ditadura civil-militar-empresarial, tornando assim, toda a sociedade



brasileira dependente desse modelo agrícola. Como resultado temos hoje um país líder no consumo de agrotóxicos que são altamente prejudiciais e até letais a todas as formas de vida, seja humana, animal, vegetal, etc. Esse modelo, atualmente conhecido como agronegócio não acabou com o problema da fome, visto que seu compromisso real nunca foi esse, ao contrário, foi e é com a produção de monoculturas para exportação, as *commodities*, visando o lucro.

A perpetuação desse sistema também precisou abarcar territórios cada vez mais extensos, expandindo as fronteiras agrícolas que conseqüentemente, além de todo o desmatamento causado, poluição gerada, seca de rios e nascentes, invade territórios e extermina os povos tradicionais, destruindo a biodiversidade, a cultura, a memória e os saberes ancestrais dessas populações. Em nossa compreensão, essa questão ultrapassa os territórios dessas populações, pois se trata de um modelo de desenvolvimento destrutivo que diz respeito ao conjunto da sociedade. A produção material, cultural e de conhecimentos e saberes populares é patrimônio humano que beneficia a todos, devendo ser resgatada, preservada, registrada e combinada com conhecimentos da ciência moderna.

Ademais de todo esse conflito de herança colonial, adentramos o período republicano com um desenvolvimento capitalista dependente, com destaque para as políticas do governo ditatorial civil-militar. Mais recentemente, num cenário de neoliberalismo, vivenciamos governos petistas (com avanços e recuos no campo progressista) e retomada do conservadorismo e ultraliberalismo com o acirramento contra os trabalhadores no governo do MDB (Michel Temer) e, com acréscimo de ingredientes fascistas, no atual governo do PSL (Bolsonaro), atacando direitos e desmontando muitas políticas públicas construídas e conquistadas com muita luta pelos movimentos sociais e populares da sociedade civil. A exemplo, houve redução do PAA (Programa de Aquisição de Alimentos) e desmonte do CONSEA (Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional) que instituía o controle social sobre as políticas de combate à fome e de favorecimento à segurança alimentar e nutricional.

É nesse contexto que o projeto de extensão *Semeando agroecologia no campo e na cidade* busca desenvolver sua práxis, como um enfrentamento à toda essa lógica, optando e pautando a agroecologia. O projeto foi uma iniciativa da professora, pesquisadora e extensionista Suenya Santos da Cruz, docente do curso de graduação em Serviço Social do campus universitário de Rio das Ostras da Universidade Federal Fluminense.

Sem embargo, busca a transdisciplinaridade visto que possui ações conjuntas com docentes do curso de engenharia de produção, discentes de psicologia e no ano de 2017, quando o projeto Semeando teve início, integrou o programa de extensão intitulado *Programa de Assessoria Interdisciplinar em Saúde e Cidadania a Movimentos Populares*, do qual também fazia parte outras ações extensionistas como: *Questões Étnico-raciais e Vivências em Cultura Afro-brasileira e Terra, Saúde e Direitos: extensão popular junto a movimentos sociais*, em que integrava docentes



dos cursos de serviço social, enfermagem e discentes dos cursos de psicologia, serviço social, enfermagem e produção cultural.

O projeto tem como objetivo, fomentar a cadeia agroecológica desde o primeiro momento da produção até o consumo, dar visibilidade ao trabalho desenvolvido pelas famílias camponesas e sua importância na garantia de uma alimentação saudável e também estimular a aproximação entre as populações do campo e da cidade através de eventos diversos.

Para isso tem-se como uma de suas ações mais direta: colaborar para a criação e/ou fortalecimentos de canais de comercialização entre produtores em transição agroecológica e consumidores nos municípios de Casimiro de Abreu, Macaé, Rio das Ostras e Silva Jardim; facilitar a auto-organização de feiras e redes de consumidores, tendo como meta programar um curso para criação ou ampliação de grupos de consumidores de produtos agroecológicos na região; estimular a vivência entre os espaços urbano e rural; Proporcionar à comunidade universitária o envolvimento com as demandas da microrregião no sentido de fortalecer os movimentos sociais, as organizações populares e coletivos, articulando as dimensões do ensino, pesquisa e extensão; fortalecer a Articulação de Agroecologia Serra Mar (AASM), tendo como uma das metas a colaboração na construção do encontro regional sobre agrotóxicos e acompanhar os encontros e atividades da articulação, a exemplo do GT mulheres; proporcionar uma formação profissional ampliada e ancorada no tripé ensino, pesquisa e extensão e atuar ativamente como forma de ocupação e interação entre funcionários, docentes, discentes, técnicos, toda a comunidade acadêmica e a comunidade de Rio das Ostras na horta comunitária nas dependências do campus universitário do Instituto de Humanidades e Saúde.

### **Descrição da Experiência**

Buscando concretizar tais ações, as metodologias empregadas são de abordagens participativas inspiradas na Educação popular, na Educação no campo e no campo ampliado da agroecologia, combinadas com técnicas da observação-participante. Essas metodologias são apropriadas pela possibilidade que elas permitem de trabalhar de forma coletiva, horizontal, em que mesmo atores que não estão inseridos no universo acadêmico possam intervir de forma protagonista e da sua forma original e única, com seus saberes e experiências.

Esse ano o projeto participou da organização da VI Jornada Universitária em defesa da Reforma Agrária (JURA) (Fig.1). Momento em que junto com o Movimento Sem Terra, companheiras e companheiros assentados da reforma agrária, agricultores familiares de produção agroecológica, coletivos, a Campanha Permanente contra os Agrotóxicos e Pela Vida, professoras da UFRJ campus Macaé, a Articulação de Agroecologia da Região de Serramar, a Rede de Viveiristas da Mata Atlântica, que são parceiros e público do projeto, organizamos debates, rodas de conversa para discutir sobre o projeto da reforma agrária brasileira, quais políticas públicas temos na atualidade, e todas as questões que os movimentos de luta por ela estão





pautando como, o resgate das sementes crioulas, a quantidade dramática de agroquímicos que ingerimos anualmente, a barbárie violência que o campesinato brasileiro sofre, com massacres, assassinatos, desaparecimentos forçados, torturas, violências de todos os tipos. O tema da JURA esse ano foi “O que você sustenta quando se alimenta?” que coloca em questão e tenta denunciar toda a cadeia produtiva que está por detrás da comida que as pessoas têm na mesa diariamente. Mais do que nunca, comer é um ato-político, visto que ao pagar por um produto também se está financiando o agronegócio, que financia o desmatamento e desertificações de ecossistemas, crimes ambientais, rompimento de barragens, violência e extermínio dos povos de comunidades tradicionais, de cultura, saberes e práticas ancestrais.

Outra ação do projeto foi a colaboração e participação no I Encontro de Agroecologia da Articulação de Agroecologia de Serramar (Fig.2), que aconteceu no município de Casimiro de Abreu – RJ. Serramar é a região que compreende a baixada litorânea e o princípio da serra do estado do Rio de Janeiro. O encontro teve como tema “Tem veneno na sua comida?” que igualmente através de mais uma pergunta visou colocar a problemática dos riscos à saúde em função do uso e consumo dos agrotóxicos. Em uma parceria com o INCA, Instituto Nacional do Câncer está sendo feito um estudo na região sobre casos de intoxicação nos trabalhadores rurais e até óbito causado pelos insumos químicos. Trata-se de um desafio mapear a cadeia de intoxicação que passa por produtores, consumidores, fauna e flora.

O projeto também tem desempenhado mutirões e cuidados contínuos na horta comunitária do campus. A horta se instaurou em uma grande greve que a universidade vivenciou em 2015. Foi uma estratégia de ocupação e de integração com os funcionários terceirizados e técnicos. Os funcionários terceirizados que correspondem às pessoas responsáveis pela limpeza, manutenção e segurança da universidade por fazerem parte do proletariado mal remunerado, de setores da sociedade invisibilizados e assujeitados costumam ter maior contingências em sua participação e papel de protagonistas nas reivindicações de direitos. A horta tinha o intuito de inclusive auxiliar na complementação da alimentação deles visto que os mesmos tinham seus salários atrasados. E teve êxito na aproximação naquele momento, vários funcionários se apropriaram daquele espaço autogestionável. Na ocasião da JURA de 2019, companheiras e companheiros assentados e do MST também compartilharam seus saberes, trouxeram mudas e juntamente fizemos alguns canteiros.

Por ocasião do dia mundial do Meio Ambiente, o projeto realizou um evento intitulado “Crise Ambiental: formas de resistências”, no qual tivemos a exibição do documentário “Ser Tão Velho Cerrado” com debate fomentado por Rafael Nogueira (professor convidado do NUPEM - Instituto de Biodiversidade e Sustentabilidade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Macaé/RJ); oficina de cartazes sobre a defesa do meio ambiente e crítica à nomeação e propostas do Ricardo Salles, atual ministro do meio ambiente; e de encerramento tivemos uma mesa de debate sobre a atual crise ambiental com os representantes e seus temas: política ambiental com a



chefe da APA da bacia do Rio São João (ICMBio); Pesquisadora sobre os efeitos dos agrotóxicos sobre as abelhas (UFF/Pádua e doutorada no NUPEM/UFRJ); representante da prefeitura de Casimiro de Abreu.

Agrega-se como atividade a participação do projeto na organização do I Encontro de Agroecologia da UFF reunindo experiências de alguns campus da universidade.

## Resultados

No âmbito interno à universidade, a interdisciplinaridade permanece como uma característica elementar do projeto. A cada atividade temos mais estudantes de cursos diversos interessados na temática e se envolvendo com as atividades e estamos ampliando uma rede de experiências com os demais campi. Contudo, precisamos avançar na dimensão da pesquisa, registrando e sistematizando dados sobre produção e comercialização de produtos agroecológicos e institucionalizando o Núcleo de Estudos em Agroecologia.

No âmbito externo, temos ampliado as ações com inserção mais frequente na Articulação de Agroecologia SerraMar, com o compromisso de enraizar a Campanha Nacional contra os Agrotóxicos e Pela Vida em nossa região. Estamos fomentando a organização das mulheres como a participação na organização de uma articulação de mulheres do estado do Rio de Janeiro para a Marcha das Margaridas, um dos grandes eventos nacionais deste ano, tendo em vista o atual contexto interno com o governo Bolsonaro, que é claramente contra as organizações populares, tendo um discurso machista muito explícito e contra a reforma agrária. Os próximos desafios são de organização periódica de feira agroecológica na universidade, organização do I Encontro de Agroecologia da UFF, manutenção de organização autogestionária da horta comunitária, organização de um curso em 2020 para fomentar grupos de consumidores de produtos agroecológicos; aproximação com o poder público para fomento e/ou fortalecimento das políticas voltadas para a segurança e soberania alimentar e nutricional.



**Figura 1.** VI JURA



**Figura 2.** Cartaz evento AASM